



JOSÉ SÓCRATES



A fotografia

► **No retrato, Lula e FHC não são dois iguais. Um estende a mão, o outro é o derrotado**

Afotografia do encontro de Lula com Fernando Henrique Cardoso é de um simbolismo extraordinário. A direita está na fotografia à procura de redenção, a esquerda apresenta-se nela preparando o futuro. À direita, nada mais lhe resta senão reconhecer os erros do golpe, da prisão e da violência sobre o adversário político. A esquerda sabe que tem que se elevar acima do ódio, do ressentimento e até acima da justa indignação. Não, ali não estão dois iguais. Um perdeu, o outro estende a mão, porque só quem ganha pode ser magnânimo. Naquela fotografia o vencedor é Lula da Silva.

Talvez de fora se veja melhor. Fernando Henrique Cardoso apoiou o golpe parlamentar, apoiou a Lava Jato e todo o seu cortejo de abusos, elogiou o juiz Sergio Moro e lembro-me ainda quando afirmou, com um cinismo corrante, que Lula “não é preso político, é político preso”. Há pouco tempo explicava que entre Fernando Haddad e Jair Bolsonaro “o seu coração não balançava”. Vê-lo agora receber Lula para “conversar sobre a democracia” é assistir a uma genuflexão em direto. Quem no estrangeiro se esforça ainda por respeitar a figura daquele antigo presidente – se é que existe ainda algum democrata que o faça – ficou com a vida mais facilitada. Mas todos percebemos o que aconteceu

à direita no Brasil: foi engolida pelo golpe que ela própria apoiou. Fez nascer o monstro que imediatamente a devorou. Della, dessa direita que se dizia democrática, parece não restar ninguém, nem Michel Temer, nem Eduardo Cunha, nem José Serra, nem Geraldo Alckmin, nem Aécio Neves, nem João Doria, nem PSDB. A direita é hoje um vazio político. E os apelos a “novos” rostos de animadores de televisão soam agora patéticos e anacrônicos. A chamada terceira via pura e simplesmente não tem liderança capaz de lhe dar expressão eleitoral. Posso estar enganado, é claro, mas o Brasil parece cansado de aventuras e mitos. O País quer alguém em quem possa confiar. Alguém com experiência. Alguém com passado. Alguém que saiba governar.

Ao lado, na foto, vemos a face da esquerda. A face alegre e confiante de Lula que se adivinha por detrás da máscara que as regras sanitárias impõem. A energia que se capta instintivamente. Nas últimas eleições, a esquerda foi derrotada, é certo, mas nessa altura só tivemos olhos para os vencidos. Eles contra o mundo. De um lado, a direita, a extrema-direita, a imprensa, o aparato judicial, o Exército que, deliberada e abertamente, decidiu, contra todas as regras democráticas, entrar na contenda eleitoral. Do outro, esteve quem tinha apenas do seu lado a memória da sua governança, o impecável respeito democrático e institucional, a transformação social, as novas oportunidades de vida para os mais desafortunados, a nova imagem e o novo protagonismo do Brasil no mundo. A luta foi desigual e dura, mas foi também uma batalha de rara beleza.

No fim, a parte vencida do Brasil ficou de pé, orgulhosamente de pé. Ninguém se sentiu derrotado naquela noite – 47 milhões de votos, vários governadores eleitos e a maior bancada do Congresso. E ainda a dignidade de Fernando Hadad. Foi essa luta que permitiu aqui chegar, a este momento, a esta fotografia. Ela representa a vitória de quem enfrentou a luta de 2018 e a derrota de quem dela desistiu. Principalmente, a derrota de quem escolheu Paris como destino de desistência política.

Mas a fotografia vai um pouco além. Ela apela a um novo começo, a um novo pacto que ultrapasse a violência e restaure as garantias democráticas – todos os protagonistas políticos devem sentir-se seguros e respeitados como adversários, não como inimigos. A tarefa política é agora a de superar o trauma, a violência e a mágoa. As manifestações deste fim de semana mostram um povo que não se resigna à desgraça de uma governação sem norte, sem projeto e sem competência. É preciso construir qualquer coisa nova. Um novo início. E isso pede alguém especial, alguém com biografia. Alguém que prestou provas e a quem a política nunca ofereceu nada sem luta. Alguém que se construiu a si próprio, que é consequência da sua inteligência, da sua vontade e do combate que travou ao longo da vida para se fazer aceitar. Alguém que nada deve ao seu nascimento ou ao apoio de qualquer oligarquia. Alguém a quem as marcas da batalha, que orgulhosamente ostenta, conferem a legitimidade para descer de novo à arena com a esperança de vencer. Sabem a quem me refiro. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO